



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio
Cultural
ISSN: 1695-7121
info@pasosonline.org
Universidad de La Laguna
España

Eniele Sonaglio, Kerlei

Transdisciplinar o turismo: Um ensaio sobre a base paradigmática making
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 11, núm. 1, enero, 2013, pp. 205-216
Universidad de La Laguna
El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88125588015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Transdisciplinar o turismo: Um ensaio sobre a base paradigmática making

Kerlei Eniele Sonaglio*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

Resumo: No intuito de contribuir com os estudos teóricos que baseiam as interpretações e explicações sobre o fenômeno turístico, bem como as suas ações estratégicas, será apresentado um modelo baseado no paradigma transdisciplinar para o turismo. Tal paradigma caracteriza-se pela transcendência aos limites do escopo disciplinar ao qual se amarra a ciência atual, donde emergiu a base sistêmica que dá contexto aos estudos, interpretações e ações atuais no âmbito do turismo.

Palavras-chave: turismo, planejamento turístico, interdisciplinaridade, paradigma sistêmico, transdisciplinaridade.

Title: Tourism transdisciplinary: An essay on paradigmatic basis

Abstract: In order to contribute to theoretical studies that establish interpretations and/or elucidations about the tourism phenomenon, as well as its strategic actions, a model based upon the transdisciplinary paradigm for tourism will be presented. This paradigm is characterized by transcending the limits of the disciplinary scope to which current science is connected and from which the systemic basis, that contextualizes current studies, interpretations and actions in tourism, emerged.

Key-words: Tourism, tourism planning, interdisciplinary, systemic paradigm, transdisciplinarity.

1. Apresentação

O turismo vem sendo interpretado e planejado com base em diferentes paradigmas, dentre os quais se destaca principalmente o sistêmico. Apesar dos progressos ocorridos no âmbito teórico, que dão sustentação ao planejamento, organização e gestão do turismo desde a década de 1950, há muito a ser aprimorado, visto que diversas intervenções turísticas em destinos com atrativos potenciais têm sido mal sucedidas, principalmente do ponto de vista da sustentabilidade.

O turismo, principalmente no Brasil, está alicerçado em pilares que ainda revelam uma perspectiva simplificadora da realidade complexa na qual está inserido, embora que a base teórica atual que norteia as estratégias de planejamento, organização e gestão do fenômeno seja a sistêmica, de caráter interdisciplinar.

À luz da lógica sistêmica, o turismo tem sido pensado e planejado e, no entanto, um cenário expressivo de intervenções turísticas mal sucedidas se apresenta. Um exemplo de uma imagem que compõe tal cenário são os diversos impactos negativos causados em comunidades tradi-

* Departamento de Ciências Sociais e Humanas/DCSH. Bacharel em Turismo (ESTH/SC); Especialista em Turismo Empreendedor (UFSC); Mestre em Engenharia Ambiental (UFSC); Doutora em Engenharia Ambiental (UFSC). E-mail: kerlei@ufrnet.br

cionais que vivem na região costeira do Brasil, resultante do fluxo de visitantes e da migração (“incentivada” pelo turismo), que muitas vezes extrapolam a capacidade de suporte física do território bem como a capacidade de carga psicológica das comunidades receptoras.

Assim, sob a mesma lógica (a sistêmica), tenta-se resolver os efeitos colaterais do turismo em suas diversas dimensões: econômica, cultural, social, ecológica, espacial e política. O planejamento e a gestão do turismo, embora tentem atender as demandas por sustentabilidade, reflete, neste início do século XXI, a neurose da cultura de massas do século XX (Morin, 1997), num distanciamento entre a teoria e a prática da atividade.

É necessária a emergência de outros paradigmas teóricos que venham basear novas metodologias de planejamento, organização e gestão do turismo no Planeta, sob pena de esgotarem-se as possibilidades reais do desenvolvimento de um turismo sustentável.

Diante do exposto, apresentar-se-á, a seguir, o paradigma transdisciplinar entendendo-o como uma via alternativa que pode contribuir com os estudos teóricos que baseiam as interpretações e explicações sobre o fenômeno turístico, bem como as suas ações estratégicas.

2. Transdisciplinaridade

Tendo em vista que o presente artigo almeja apresentar o paradigma transdisciplinar e defendê-lo como uma base teórica a partir da qual é possível reinterpretar e oferecer novas explicações ao fenômeno turístico, além de possibilitar a elaboração de novas ações estratégicas, cumpre, inicialmente, tentar explicar a essência teórica da transdisciplinaridade, que permeará e deverá necessariamente permear toda estrutura teórica que se erguerá a partir dessa nova base paradigmática, bem como suas aplicações práticas.

O termo “transdisciplinaridade” já é bastante difundido e veio a conhecimento público em sete de março de 1986, pelo comunicado de encerramento do Colóquio organizado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (Declaração de Veneza) – A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento, realizado em Veneza.

Na referida declaração, destacou-se a urgência de uma troca dinâmica entre as ciências “exatas”, as ciências “humanas”, a arte e a tradição. Então, o enfoque transdisciplinar seria a postura que realizaria tais trocas, sendo que o

estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, aproximaria mais o ser humano do real e permitiria enfrentar melhor os diferentes desafios do século XXI.

A abordagem transdisciplinar intenta aguçar a sensibilidade diante daquilo que a disciplinariade, muitas vezes, nem sequer reconhece como existente. Contudo, apesar das limitações da disciplinariade, decorrentes da sua tendência ao fechamento, ela é uma postura eficiente: via de regra as disciplinas avançam conquistando novos saberes. (Sonaglio, 2006).

Mas o que caracteriza a “disciplina”? Para Morin (2001), a disciplina é uma categoria dentro do conhecimento científico. Ela institui a divisão e a especialização do trabalho e responde à diversidade das áreas que as ciências abrangem. Embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pelo estabelecimento do seu peculiar objeto de estudo, pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que é levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias.

A constante exigência pela especialização separou, por exemplo, a ciência da cultura, numa tentativa de consolidar a modernidade o que distanciou o sujeito do objeto, presentes na origem da ciência moderna.

A transdisciplinaridade reconhece o valor da especialização e fragmentação, mas propõe ultrapassá-la, recompondo a unidade da cultura e encontrando o sentido inerente à vida.

A transdisciplinaridade propõe um outro olhar diante do que já se conhece, e ainda, uma abertura e sensibilidade para perceber o que ainda não se descobriu e que pode residir em dimensões diferentes da realidade percebida pelo ser humano.

Neste contexto, Morin (2001) indica que não basta estar “por dentro” de uma disciplina para conhecer todos os problemas aferentes a ela. A abertura, portanto, é necessária.

Na palavra “transdisciplinaridade”, o prefixo “trans” diz respeito ao que está ao mesmo tempo “entre” as disciplinas, “através” das diferentes disciplinas e “além” de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (Nicolescu, 1999).

Segundo o Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS (2005), a transdisciplinaridade reconhece a existência de diferentes níveis de realidade regidos por lógicas distintas e admitindo um terceiro incluído. Esta visão ultrapassa o domínio das ciências por seu diálogo também, por exemplo, com a experiência espiritual.

Em tempos de pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade apresenta-se como multidimensional, considerando questões temporais e históricas, não excluindo a existência de um horizonte trans-histórico, como é relacionado na Carta de Transdisciplinaridade, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, em novembro de 1994. (Cetrans, 2005).

Nicolescu (1999) menciona que os termos pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade surgem na metade do século XX pela necessidade de se estabelecerem vínculos entre as distintas disciplinas existentes. Foram envolto das perspectivas pluridisciplinar e interdisciplinar que o paradigma sistêmico imprimiu sua lógica na sociedade contemporânea.

Entretanto, apesar das diversas contribuições que o paradigma sistêmico vem fornecendo para o planejamento turístico, como a interação entre as diversas disciplinas para uma análise mais eficiente das intervenções do turismo, há a necessidade da emergência de um outro paradigma que sustente e que promova uma gestão sustentável de fato, pois exigem que se transcendam os limites enquadrados do conhecimento disciplinar.

Por muitos anos, a questão de qual postura adotar em uma determinada pesquisa tornou-se uma problemática que demandava, por parte do pesquisador, esclarecimento quanto aos diversos arcabouços teóricos e metodológicos que estavam a sua disposição. Contudo, o importante não é apenas a idéia de pluri, inter e transdisciplinaridade. O importante é notar que é o desejo de compreender tanto mais quanto possível à realidade que conduz o investigador a uma abordagem sensível à complexidade (como é o caso da transdisciplinaridade). Uma abordagem que, no dizer de Morin (2001), tenta “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se.

O autor ensina que não se pode demolir o que as disciplinas criaram, não se pode romper todo o fechamento: é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada, ou seja, aberta no sentido de permitir possibilidades que a transcendam e fechada, no sentido de manter o rigor científico no qual está alicerçada.

Se se deseja compor uma representação do mundo ajustada ao seu objeto, o mundo. E se o mundo apresenta uma evidente dimensão ecológica, composta por uma sofisticada e complexa

trama de elementos que são interdependentes e interinfluentes, pois se inter-relacionam o tempo todo em todo o espaço, é imperioso que as ciências se esforcem em compor uma representação do mundo que contemple o aspecto ecológico.

Agora, uma representação de mundo que exprima a ecologicidade desse mundo dependerá de uma relação “ecológica” entre as disciplinas, pois a trama das relações só será percebida por uma abordagem científica focada em identificar, conceituar e teorizar sobre tais “tramas de relações”, as quais não são percebidas pelas disciplinas isoladamente, por estas estarem focadas em seus peculiares objetos de estudo.

Assim, a abordagem transdisciplinar surge como um olhar disposto a perceber e pensar sobre aquilo que escapa ao olhar disciplinar, aquilo que está “entre”, “através” e “além” das disciplinas, buscando identificar, conceituar e teorizar acerca dos aspectos da realidade perceptíveis e pensáveis apenas desde uma perspectiva “transdisciplinar”.

2.1. O paradigma transdisciplinar

O paradigma transdisciplinar pode ser entendido como um conjunto de conceitos e valores aceitos e compartilhados por uma comunidade científica imbuídos do “espírito transdisciplinar”, ou seja, imbuídos de um ideal que tenta transcender as disciplinas sem perdê-las de vista, transcender com base em certas idéias, tais como: níveis de realidade, lógica do terceiro incluído e complexidade.

Historicamente, o paradigma transdisciplinar emerge como sintetiza Sonaglio (2006):

- Em germe, na forma de um comunicado final realizado pelos participantes do Congresso “Ciência e Tradição: Perspectivas transdisciplinares para o século XXI”, realizado pela UNESCO em Paris, dezembro de 1991, que expõe o seguinte: a transdisciplinaridade não procura construir sincretismo algum entre a ciência e a tradição: a metodologia da ciência moderna é radicalmente diferente das práticas da tradição. A transdisciplinaridade procura pontos de vista a partir dos quais seja possível torná-las interativa, procura espaços de pensamento que as façam sair de sua unidade, respeitando as diferenças, apoiando-se especialmente numa nova concepção de natureza.
- Na elaboração e adoção da Carta da Transdisciplinaridade por parte de alguns pensadores, pois o “espírito transdisciplinar” teve como marco fundador a publicação oficial da Carta

da Transdisciplinaridade (disponível no site <http://www.cetrans.futuro.usp.br>), composta de um breve preâmbulo e 15 (quinze) artigos. Tal carta foi adotada pelos participantes do I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade realizado no Convento de Arrábia, Portugal, de 02 a 06 de novembro de 1994.

- No empenho em sofisticar o desenvolvimento dos saberes, como exprime Nicolescu (s/d apud Paul, 2001: 4):

Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar suceder uma etapa superior que será transdisciplinar, que não se contentará com a obtenção de interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situará essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre essas disciplinas.

Para D'Ambrósio (1997) a transdisciplinaridade, na sua essência também contempla uma dimensão ética, pois se trata de:

- Uma postura transcultural de respeito pelas diferenças;
- De solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais;
- De busca de uma convivência harmoniosa com a natureza.

Além disso, o autor acrescenta que ela não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e muito menos, como alguns dizem, uma nova postura religiosa, tampouco, como insistem em deixar claro, um modismo. O essencial da transdisciplinaridade reside numa postura de reconhecimento do “diferente”, onde não há espaço e tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros.

Não podendo prescindir das disciplinas, a transdisciplinaridade coloca-se, na realidade, como uma questão ética à medida que seu objetivo é eliminar o caráter alienante da especialização refletida na ciência aplicada de maneira reducionista, sem considerações de natureza ética e sociopolíticas. (Dencker, 2002).

A base do raciocínio transdisciplinar é o saber quântico, que é marcado pela dialógica da pertinência difusa simultânea, que permite compreender a realidade de um mesmo objeto com base em dois comportamentos lógicos distintos. Permitindo ainda, enquanto saber transitente que é, atravessar e comunicar-se, sem entrar em contradição com os demais quatro saberes

constituídos e suas respectivas lógicas: o saber religioso, o saber filosófico, o saber popular e o saber científico. (Cetrans, 2005).

Segundo Silva (2000), a transdisciplinaridade não prescinde, nem exclui os demais modos de interpretar o mundo. Ela apenas mostra o quanto suas lógicas são reducionistas. Se a realidade é ontológica (existe independente do domínio lingüístico do observador que a representa) e complexa (possui resistências não explicitadas a todas as disciplinas), então sua representação disciplinar é sempre reducionista, revelando apenas parte de sua complexidade e ontologia. Na medida em que os pesquisadores consigam identificar a sua contribuição disciplinar de representação da realidade, que possa ser também explicativa da complexidade de um outro nível de realidade, está aí o construto do objeto transdisciplinar. Este objeto, assim como o sujeito que o concebe, é uma emergência dos diversos “níveis de realidade” e de suas “zonas de não resistência”.

Nicolescu (1999) explica “níveis de realidade” como um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais e “zona de não-resistência” como uma zona de transparência absoluta, sendo que complementa destacando que esta zona corresponde ao “sagrado”, isto é, aquilo que não se submete a nenhuma racionalização.

No tocante ao sujeito e objeto, Silva (2000) explica que eles necessitam de um terceiro elemento para dar equilíbrio e consistência ao paradigma transdisciplinar e vislumbrar seu modelo de realidade. É necessário um terceiro elemento não passível de racionalização, que permita exatamente a existência dialógica dos outros dois.

Para o autor, quando dois sujeitos ou mais conseguem reconhecer suas pertinências pelo encontro de seus “sagrados”, emerge daí o que se chama de “zonas de não resistência”, onde ambos podem transitar com o mínimo esforço. Sendo que quando estas zonas se encontram em um espaço cognitivo de verticalidade simultânea, entre os diversos níveis de realidade, diz-se que aí ficou estabelecida uma “unidade aberta” onde os sujeitos aprendem não só com a autopoiesis de o seu operar, como também com o operar do outro.

Esta idéia de terceiro elemento também é apresentada por Nicolescu (1999), que cita os três pilares da transdisciplinaridade, quais sejam:

- Os níveis de realidade,
- A lógica do terceiro inclusivo,
- A complexidade.

Estes pilares determinam a “metodologia da pesquisa transdisciplinar”.

Dessa forma, cumpre explicar os “pilares” que dão sustentação e determinam a “metodologia transdisciplinar” e as características da “atitude transdisciplinar”, a fim de que se possa refletir sobre o paradigma transdisciplinar e o turismo.

2.1.1. Os três pilares da transdisciplinaridade

Tendo em vista esclarecer ainda mais sobre o paradigma transdisciplinar, é indispensável não só apresentar mas, sobretudo, explicar o que vem a ser cada um dos pilares da transdisciplinaridade, a saber:

Níveis de realidade:

Nicolescu (1999) define a “realidade” como o que resiste às nossas representações, descrições e imagens e “nível” como um sistema invariável à ação de certas leis, como por exemplo: os átomos, o mundo atômico, o mundo corpuscular. Desse modo, dois níveis de realidade são diferentes se, ao se passar de um para o outro, há ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais.

Para Villermay (2005), nota-se bem a diferença desses níveis de realidade quando se fala do nível microfísico e do nível macrofísico. Para ela, entre a física clássica e a física quântica a ruptura é radical. Por isso que a interpretação dos fenômenos quânticos em linguagem macrofísica leva a paradoxos. Ninguém ainda encontrou uma formulação que permita a passagem de um mundo a outro. E, no entanto, esses dois mundos coexistem. Os seres humanos são a prova disso.

A autora exemplifica mencionando que somos feitos de vazio e nesse vazio há grânulos de matéria: é o nível atômico. No nível macrofísico, nós apresentamos uma consistência de corpo com uma forma determinada, que persiste graças à velocidade que anima essas partículas no mundo quântico. O fato de que nós partilhamos com as partículas esse duplo aspecto (corpuscular e vibratório), fazendo de nós microcosmos à imagem do cosmos, e de que nósせjamos também matéria e vibração, as grandes tradições já o haviam dito, bem antes de Planck.

Assim, diz Nicolescu (1999) que há na Natureza e no nosso conhecimento diferentes níveis de realidade e, correspondentemente, diferentes níveis de percepção. A passagem de um nível de realidade para outro é assegurada pela lógica do

terceiro incluído. O autor explica que a estrutura da totalidade dos níveis de realidade ou percepção é uma estrutura complexa, onde cada nível é o que é porque todos os níveis existem ao mesmo tempo.

Lógica do terceiro incluído:

A “lógica do terceiro incluído” pode ser explicada, segundo Lupasco (s/d apud Nicolescu, 1999), da seguinte maneira: ela postula a existência de um terceiro tipo dinâmico antagonista, que coexiste com a lógica da homogeneização que governa a matéria física macroscópica e com a heterogeneização que governa a matéria viva. Esse novo mecanismo dinâmico exige um estado de equilíbrio entre os pólos de uma contradição, chamado de estado T (T: terceiro incluído).

Nicolescu (1999) explica que a lógica clássica baseia-se em três princípios binários, tem-se a figura 1:

Figura 1: Princípios lógicos

LÓGICA CLÁSSICA	LÓGICA DO TERCEIRO INCLUIÓDO + NÍVEIS DE REALIDADE (transdisciplinaridade)
1. Princípio da identidade: “A” é igual a “A”.	
2. Princípio da não-contradição: “A” não é “não-A”.	Existe um terceiro elemento T que é ao mesmo tempo “A” e “não-A”, (ficando mais clara esta situação quando é introduzida a noção de “níveis de realidade”).
3. Princípio do terceiro exclusido: Dados “A” e “não-A”, uma delas é verdadeira e outra é falsa. Não existe termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo “A” e “não-A”.	

Fonte: adaptado de Nicolescu (1999).

Considerando o exposto no quadro tem-se: de acordo com a lógica clássica, que parte de um mesmo nível de realidade, a existência de um terceiro termo T, que é ao mesmo tempo A e não-A, é inconcebível.

Então, a lógica do terceiro incluído é capaz de descrever a coerência com que o fluxo de informações é transmitido de um nível de realidade para outro, por meio de um processo interativo, assim definido:

1. 1 par de contraditórios (A e não-A) situados em um certo nível de realidade pode ser unificado por um T (terceiro incluído) num nível contíguo da Realidade;
2. Este estado T, por sua vez, está ligado a um par de contraditórios situados em seu próprio nível.

O processo interativo continua assim, indefidamente. Essa estrutura tem consequências consideráveis para a teoria do conhecimento, pois implica na impossibilidade de uma teoria completa e auto-referente.

Complexidade:

Considerado como um dos três pilares da transdisciplinaridade, a complexidade diz respeito àquilo que se “inter-relaciona”, se “interliga”, se “complementa”. Sendo assim, pode-se considerar “complexos” o comportamento ou o pensamento acerca de diferentes fenômenos.

Mariotti (2000) diz que o pensamento complexo configura-se como uma nova visão de mundo, que aceita e procura entender as mudanças constantes, sem negar a contradição, a multiplicidade, a aleatoriedade e a incerteza, mas conviver com elas.

Morin (1999: 305) “explica que a noção de complexidade dificilmente pode ser conceitualizada. Por um lado, porque ela está emergindo e, por outro, porque não pode deixar de ser complexa”.

Na concepção de Morin (1999: 334),

a complexidade não “produz” nem “determina” a inteligibilidade. Pode somente incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a homogeneizar em categorias separadas ou de homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda a realidade estudada.

Considerando que a transdisciplinaridade diz respeito ao que está “entre”, “através” e “para além” das disciplinas, torna-se evidente que um de seus pilares esteja alicerçado na comple-

xidade. De acordo com Morin (1999) uma das ambições da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento, tendendo ao conhecimento multidimensional. A complexidade não pretende dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar e considerar suas diversas dimensões.

3. O turismo e a transdisciplinaridade: algumas reflexões

O turismo vem sendo interpretado, explicado e organizado a partir da base sistêmica, cuja “interação” entre as diferentes disciplinas (interdisciplinaridade) mostrou-se como uma excelente maneira de resolução dos problemas surgidos das “disciplinas” e que não podiam ser resolvidas, isoladamente, na parcialidade disciplinar. No entanto, na dinâmica do turismo, a miríade de problemas surgidos “nas” e “das” interações contraditórias contemporâneas não têm sido solucionada sob o mesmo paradigma que os criaram. Desse modo, é premente o surgimento de um outro paradigma que venha a dar sustentação ao desenvolvimento do turismo, na tentativa de alcançar a sustentabilidade, já amplamente discutida nos meios acadêmicos, no *trade* turístico e nos órgãos públicos de turismo.

Em suma, é necessário, diante das especializações que marcam e caracterizam o escopo disciplinar que propõem e executam as estratégias de planejamento, organização e gestão do turismo, um olhar transdisciplinar.

Tal olhar, como já explicado, calcará suas ações na postura do rigor (específico das disciplinas), da abertura (fenômenos inesperados e atípicos) e da tolerância (habilidade na aceitação das contradições) sem, contudo, excluir as contribuições que estão sob o domínio das disciplinas e suas interações sem excluir as contribuições do paradigma sistêmico, pois a transdisciplinaridade diz respeito ao que está “entre”, “através” e “para além” das disciplinas. Assim, inclui e não exclui o que está posto no interior e na interação entre os conhecimentos disciplinares.

Tratando-se de destinações turísticas, principalmente em regiões marcadas por inúmeros conflitos de uso e ocupação do território, o turismo precisa se desenvolver sob uma lógica que considere o “terceiro incluído” nos processos contraditórios. O turismo precisa estar alicerçado em bases que constituam a “solução” dos

problemas, dos conflitos que são oriundos de lógicas distintas, mas que possuem questões fundamentais em comum, por exemplo: a ordem econômica e social e o uso dos recursos naturais do Planeta.

Logicamente este é um problema que há décadas se discute, no entanto reitera-se aqui que as discussões tem-se dado no interior das disciplinas e suas interações, portanto, sob a égide do paradigma sistêmico.

3.1. O paradigma sistêmico e o transdisciplinar no turismo

O estudo do turismo precisa inaugurar um novo paradigma a partir do qual se repense processo de planejamento, organização e gestão do fenômeno, qual seja: o planejamento, organização e a gestão transdisciplinar do turismo.

Em sua obra “Análise estrutural do turismo”, Beni (2001) apresentou um modelo referencial (figura 2), que visa orientar os estudos e interpretações acerca do turismo. Tal obra de Beni tem como base o paradigma sistêmico e repre-

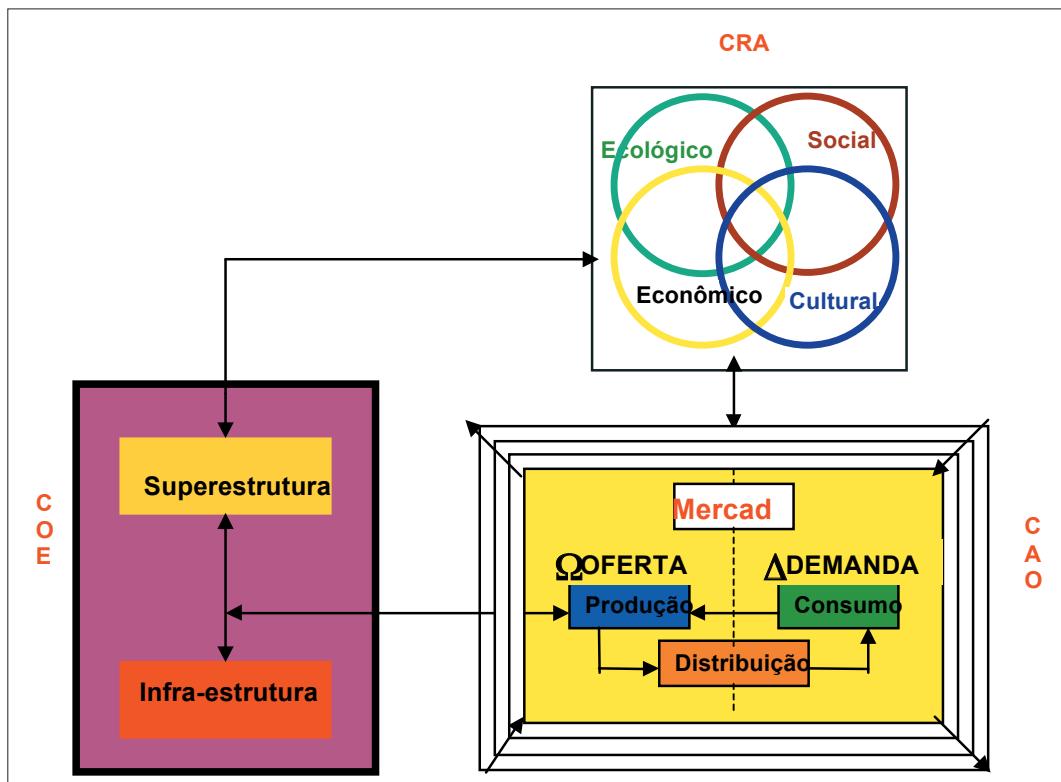
senta, atualmente, o paradigma vigente em se tratando de estudos em turismo.

Na figura 2 tem-se 3 (três) conjuntos com seus respectivos subsistemas:

- CRA – Conjunto das Relações Ambientais (as dimensões do turismo): Subsistemas ecológico, econômico, social e cultural;
- COE – Conjunto da Organização Estrutural (a estrutura do turismo): Subsistemas da superestrutura e da Infra-estrutura;
- CAO – Conjunto das Ações Operacionais (a dinâmica do turismo): Subsistemas do mercado, oferta, demanda, produção, distribuição e consumo.

Partindo deste modelo referencial, permite-se lançar um olhar “holístico” sobre o fenômeno turístico, em perspectiva sistêmica, de inter-relações dinâmicas e interdependentes entre si. A teoria geral dos sistemas, germinada a partir dos estudos da biologia, interposta nas ciências sociais aplicadas, permite entender e manipular um sistema em que consiste o fenômeno “turismo”. O resultado desde um ponto de

Figura 2: Modelo referencial SISTUR



Fonte: Beni, 2001.

vista tecnológico (ciência aplicada) é satisfatório, desde que o sistema seja mantido em equilíbrio. Eis o problema! Porém, em se tratando de uma “indústria” numa sociedade capitalista, como em parte a estrutura e o funcionamento do turismo podem ser considerados, o desequilíbrio é iminente, notório e por vezes constante. Mas esta discussão já foi amplamente debatida no meio acadêmico e empresarial, o que se pretende retomar em outro momento.

Pois bem, tal modelo está orientado a partir do escopo e interpretações que emergem e são produzidos no interior das disciplinas, o que limita a transição entre os diferentes níveis de realidade e percepção, por exemplo.

Na intenção de ensaiar uma nova base, a transdisciplinar, para que se analise o fenômeno

turístico, eis que se apresenta um esquema partindo do seguinte:

Utilização dos “níveis de realidade”, um dos pilares da transdisciplinaridade, aproveitando a perspectiva transdisciplinar metodológica proposta por Silva (2000) – (figura 3). (Além do detalhamento esclarecedor realizado por Silva sobre a referida perspectiva, ela também foi explicada por Sonaglio (2011) em publicação de artigo realizado na revista Pasos.

Aplicação da perspectiva transdisciplinar metodológica proposta por Silva (2000) para o turismo (figura 4);

Aproveitamento do “Sistur”, objetivando valorizar o que já está consolidado em se tratando de paradigma do turismo (figura 2).

Assim, tem-se o seguinte:

Figura 3: Perspectiva transdisciplinar metodológica

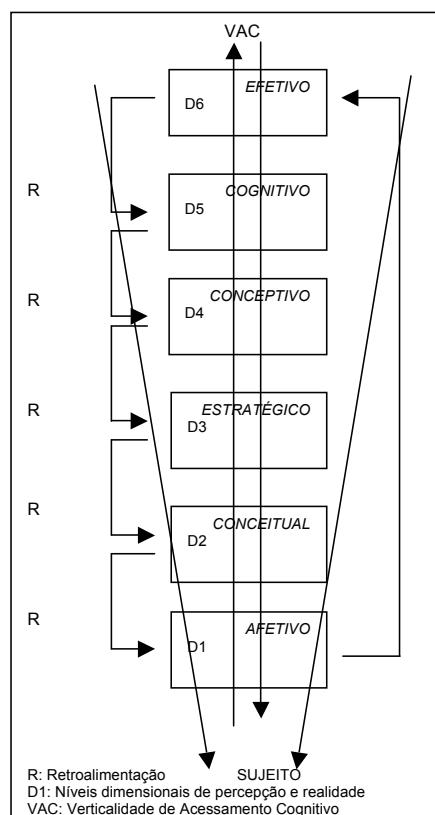
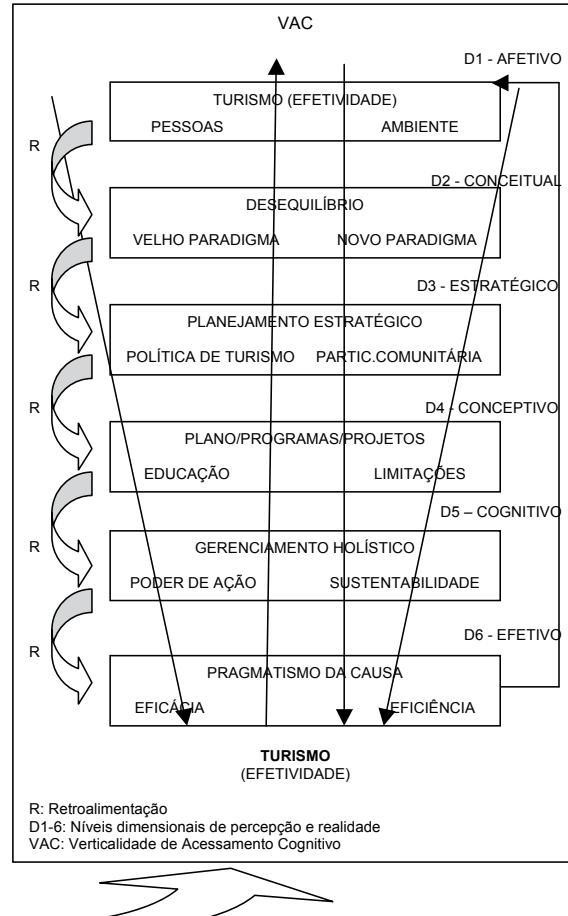


Figura 4: Perspectiva transdisciplinar metodológica aplicada ao turismo



Fonte: Silva, 2000.

Nesta perspectiva transdisciplinar metodológica aplicada ao turismo, os pares de contraditórios que emergem nas dimensões de percepção e realidade podem ser assim explicados:

a) Dimensão afetiva

O intuito natural aproxima o *homem* da *natureza*, numa interação de maior ou menor intensidade. O desejo de momentos agradáveis na busca do equilíbrio e lazer o leva ao encontro com o ambiente, na atividade de *turismo*. O emanar da energia dos ambientes, harmonizam o corpo e o espírito. É a dimensão afetiva! Então, o encantamento ocorrido pelo envolver-se do ser humano com os elementos naturais provoca emoção, sentimento de ser parte do todo, plenitude e felicidade.

b) Dimensão conceitual

Por meio da intervenção do homem na natureza, em ações destituídas de planejamento ou mal planejadas, ocorre o *desequilíbrio* e degradação, comprometendo o ecossistema (ou seu habitat) e sua sustentabilidade.

Com a cultura de consumo e de massas, a degradação ambiental vem crescendo, é bem verdade que desde a revolução científica dos séculos XVII e XVIII, se difundiu a visão mecanicista do mundo apresentada por René Descartes (1999), Francis Bacon e outros, o que propulsou tal estilo de vida.

Esta visão afirma que os fenômenos da natureza podem ser melhor explicados se isolados uns dos outros. Sua tendência reducionista, fragmentada e compartmentalizada concebem o mundo em partes separadas, observando o homem separado do ambiente, reforçando a idéia de que o homem pode explotar e consumir a natureza. Este *velho paradigma* caracteriza-se por tornar difícil a compreensão da complexidade do universo. Na atividade turística observa-se a forte exploração dos recursos naturais, seguindo os conceitos da visão cartesiana.

Há a necessidade de alterar os valores de competição para cooperação, de quantidade para qualidade, da dominação para a parceria, do consumo para a preservação. A construção deste *novo paradigma* resgata a relação de respeito do homem com a natureza e sua espiritualidade, estabelecendo uma teia de relações sustentáveis. Sob esta ótica, o turismo pode ser proposto numa revisão de conceitos existentes através de alternativas que proponham o uso racional e sustentável dos recursos disponíveis.

c) Dimensão estratégica

O terceiro elemento incluído entre velho e novo paradigma seria o planejamento estratégico. O plano estratégico deixa de ser competitivo (velho paradigma) para fazer uso de técnicas cooperativas. Pode ser realizado para determinar a análise das potencialidades e fragilidades internas de uma organização. Deve ser um processo contínuo de formulação e administração organizacionais, onde a projeção futura é uma constante.

No turismo, a elaboração do planejamento estratégico é fundamental, uma vez que a degradação e a poluição dos ambientes utilizados pela atividade, geralmente, evoluem sem planejamento adequado e por meio de especulações imobiliárias ostensivas.

Para que a formulação do planejamento estratégico no turismo obtenha resultados positivos, há a necessidade de amparos legais que salvaguardem a sustentabilidade e a sua operacionalidade. Podem ser por meio de *políticas de turismo* sérias e permanente associadas a políticas ambientais e outras políticas (em âmbito nacional ou local), que estabeleçam mecanismos eficientes de controle do uso, manejo e conservação dos recursos turísticos em questão. A *participação comunitária*, qualificada e efetiva, é fundamental neste processo para garantir o respeito e a sustentação destas políticas.

d) Dimensão conceptiva

O *plano/programas/projetos* de turismo surge como terceiro incluído do par de contraditórios da dimensão anterior. Nesta dimensão, os elementos potencialidades, fragilidades, oportunidades e ameaças dos ambientes interno e externo são imprescindíveis para a criação, avaliação e escolha das estratégias a serem definidas e adotadas. A análise deve envolver os aspectos econômicos, tecnológicos, socioculturais, político-legais e demográficos. Surge, neste caso, a necessidade de uma coordenação solidária (característica interdisciplinar) e a concepção dimensional do projeto para o turismo, no qual se identifica as dimensões que atendem as estratégias do planejamento, esclarecendo missão, visão e valores.

Na elaboração do *plano/programas/projetos* de turismo, surge ainda, a tensão entre a pesquisa formulada e a realidade sobre a qual irá atuar. Este processo passa a ser mais complexo, pois se inserem elementos da natureza e as ações da sociedade. A partir desta realidade, surge um novo par de contraditórios: a *educa-*

ção ambiental, de resultados a longo prazo e as *limitações* da concepção, que surgem após a implantação do *plano/programas/projetos*. No turismo (ainda visto pela lógica binária e não transdisciplinar, de lógica ternária) a teoria, geralmente na prática é outra, e tal fato consiste em sua maior limitação, pois exige mudança de concepção imediata.

e) Dimensão Cognitiva

O terceiro incluído do par de contraditórios da dimensão anterior surge como o *gerenciamento holístico* do *plano/programas/projetos*, por meio do “aprender com o operar”, o executar. Esta dimensão é justificada pelo conhecimento adquirido e vivenciado, caracterizando-se pela supremacia sobre os demais elementos do desenvolvimento. A execução deste gerenciamento holístico do turismo deve obedecer ao processo epistêmico, onde o trabalho de discussão com a equipe atuante no processo se faz numa constante, embasados nos paradigmas que fundamentam a prática.

Há ainda a necessidade de uma atuação pedagógica, onde os objetivos de construção do conhecimento sejam permanentes tanto na equipe em ação, quanto na comunidade envolvida, estabelecendo uma identidade que seja sustentável culturalmente, para a consolidação do relacionamento das pessoas com a natureza. O estabelecimento de uma metodologia de execução do *plano/programas/projetos* de turismo também é fundamental para que o mesmo transcorra de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável.

No gerenciamento do *plano/programas/projetos* de turismo surgem os contraditórios: *sustentabilidade* e *poder de ação*. Sendo uma relação de poder de ação, devido ao conhecimento e domínio da informação, este par de contraditórios surge como fator favorável a implantação e implementação de projetos turísticos adequados e sustentáveis para a utilização da sociedade diretamente envolvida no processo.

A sustentabilidade ambiental depende das gerações atuais e constitui-se numa questão complexa, pois sua aplicação exigirá mudanças na produção e no consumo, em formas de pensar e de viver. No turismo, a sustentabilidade parte da educação ambiental comunitária local, da conscientização do turista incitando a preservação dos recursos, do estabelecimento de políticas preservacionistas e conservacionistas e da conscientização/sensibilização do coletivo.

f) Dimensão efetiva

O terceiro incluído nesta dimensão é a real utilidade da causa (*pragmatismo da causa*), identificando o verdadeiro com o útil, verificando a efetividade do processo quanto à observância dos quesitos que justificam a sustentabilidade do *plano/programas/projetos*, bem como sua contemplação de realização e felicidade (emoção).

No turismo, a efetividade deve atingir seu rigor de maneira que garanta o processo em sua totalidade, principalmente pela manutenção do equilíbrio do ecossistema/habitat local, garantindo o seu desenvolvimento sustentável e da sociedade.

Como par de contraditórios tem-se: a *eficácia* e a *eficiência*, cujas interações fornecem conformidade à efetividade. Esta é a justificativa da sustentabilidade do *plano/programas/projetos*, que possui satisfação subjetiva da comunidade, com respeito à determinada iniciativa, garantindo sua verdadeira função. Esta dimensão retorna ao afetivo numa ação transdisciplinar ampla e perene.

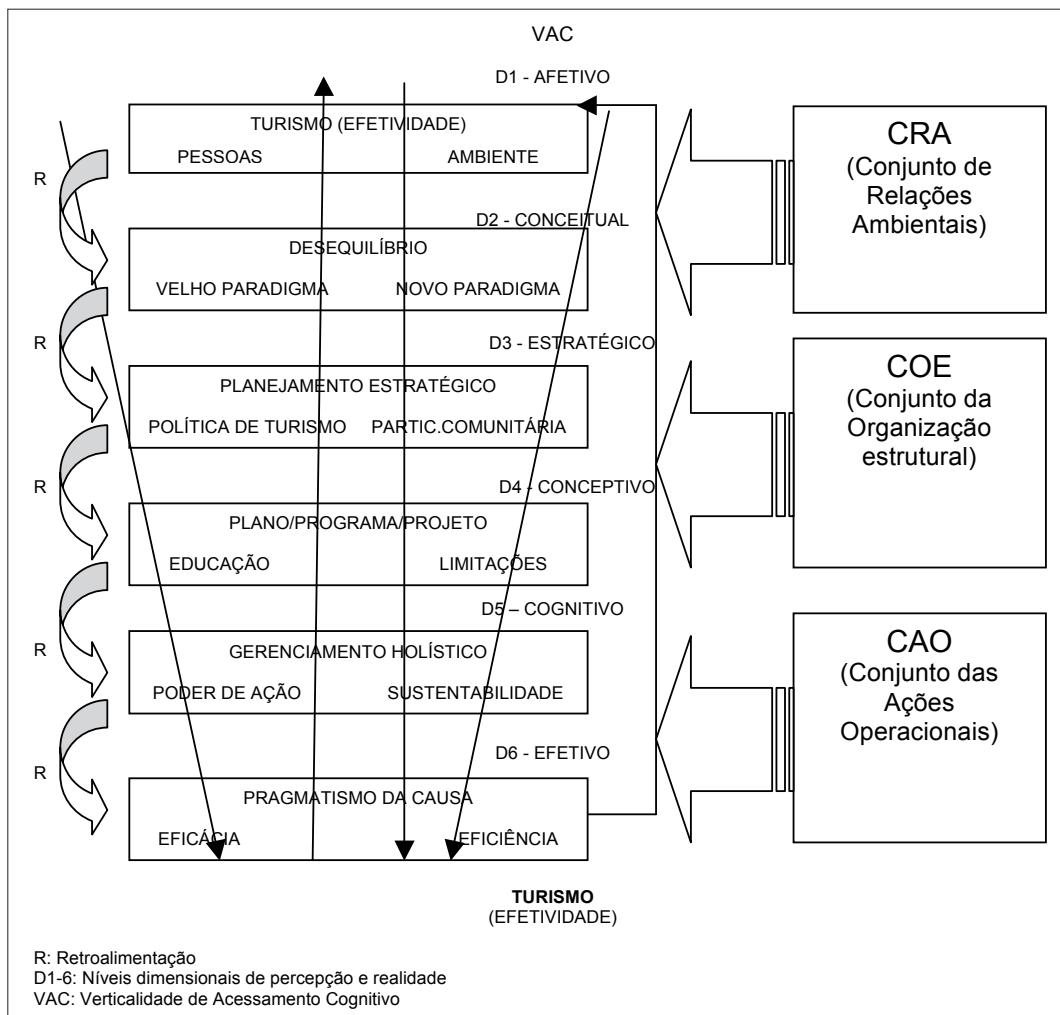
31.1. Modelo preliminar de interpretação transdisciplinar para o turismo

A partir da perspectiva metodológica transdisciplinar (Silva, 2000) aplicada ao turismo e do modelo referencial sistêmico para o turismo de Beni (2001), ensaia-se o seguinte modelo de interpretação para o turismo (figura 5):

No modelo apresentado, visualiza-se a perspectiva transdisciplinar metodológica para o turismo (explicada no item 4.1) aproveitando os estudos disciplinares e interdisciplinares advindos da estrutura e funcionamento do turismo em perspectiva sistêmica (explicada no item 4.1 - Beni, 2001). Então se tem:

- Os conjuntos que agrupam estudos, pesquisas, interpretações e explicações sobre o turismo cujos métodos, procedimentos e técnicas de investigação advêm dos domínios acadêmicos, e;
- Os níveis dimensionais de percepção e realidade (afetivo, conceitual, estratégico, conceptivo, cognitivo e efetivo), acolhendo o domínio lingüístico e conteúdos acadêmicos, porém transitando e acessando o domínio lingüístico e cognitivo dos envolvidos no processo turístico, em pares de contraditórios donde emerge o terceiro incluído.

Figura 5: Modelo preliminar de interpretação do turismo com base no paradigma transdisciplinar



4. Considerações finais

As metodologias de planejamento e gestão do turismo atuais são baseadas no paradigma sistêmico, em âmbito interdisciplinar. As metodologias existentes e utilizadas possuem, em sua maioria, o enfoque voltado ao desenvolvimento sustentado da economia como o elemento qualificador do turismo, afirmando sua necessidade às áreas de interesse dos segmentos empresariais do turismo. As comunidades receptoras e o ambiente recebem, via de regra, o fluxo de turistas em massa, movimentados pelo mercado de intenso consumo e ao esgotar o recurso que ora apresentou-se como atrativo, ficam com os danos

das intervenções mal planejadas e por vezes, indesejada, sob o ponto de vista das populações locais.

O propósito deste artigo foi o de apresentar a transdisciplinaridade para alicerçar as metodologias de planejamento turístico, confiando que será um caminho valorizador e qualificador das relações subjetivas e sutis, tão intrínsecas ao turismo (sobretudo o de base local) e pouco contempladas nas metodologias já existentes para o seu desenvolvimento sustentável. O olhar transdisciplinar ao turismo permite evitar o reducionismo decorrente das disciplinas que o tentam explicar e/ou propor métodos para sua implementação planejada.

O modelo preliminar de interpretação transdisciplinar para o turismo estabelecerá uma nova abordagem para esta atividade em ascensão e que possui relações com diferentes dimensões de realidade e percepção, além de garantir o rigor, a abertura e a tolerância: pilares da transdisciplinaridade.

Em essência, as reflexões aqui registradas têm o intuito de abrir a discussão para outro modo de conduzir o planejamento, organização e gestão do turismo, principalmente o de base local. Tal intento tem em vista as diferentes dimensões de realidade e de percepção manifestas no desenvolver das ações necessárias no processo, privilegiando o diálogo entre o “sagrado” dos atores envolvidos e as diversas disciplinas científicas; tal diálogo determinará o processo cognitivo que fundamentará, assim, o planejamento, a organização e a gestão do turismo.

Referências

- Beni, Mário Carlos
 2001 *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC.
- Cetrans, Centro de educação transdisciplinar
 2005 *Transdisciplinaridade*. Disponível em: <<http://www.cetrans.futuro.usp.br/>>. Acesso em: 15 mai.
- D'Ambrosio, Ubiratan
 1997 *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena.
- Dencker, Ada de Freitas Maneti
 2002 *Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior: Uma experiência no curso de turismo*. São Paulo: Aleph.
- Descartes, René
 1999 *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mariotti, Humberto
 2000 *As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Athena.
- Morin, Edgar
 2001 *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, Edgar
 1999 *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, Edgar
 1997 *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Nicolescu, Basarab
 1999 *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- Paul, P.
- 2001 *Os diferentes níveis de realidade entre ciência e tradição*. Disponível em <http://www.cetrans.futuro.usp.br/diferentes_niveis.html>. Acesso em: 6 jun.
- Silva, Daniel José
 2000 *O paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental*. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental da UFSC.
- Sonaglio, Kerlei Eniele
 2006 *A transdisciplinaridade no processo de planejamento e gestão do ecoturismo em Unidades de Conservação*. Tese de Doutorado (Doutorado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, UFSC, Florianópolis.
- Sonaglio, Kerlei Eniele
 2011 “Contribuições do paradigma transdisciplinar para o ecoturismo”. *Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* 9(1): 147-159.
- Villermay, Denyse de
 2005 *Rumo a um modelo transdisciplinar da saúde*. Trad. Marly Segreto. Disponível em: <<http://www.cetrans.com.br/generico.aspx?page=257&idiom=11>>. Acesso em: 16 nov.

Recibido: 26/04/2011
Reenviado: 08/09/2012
Aceptado: 10/10/2012
Sometido a evaluación por pares anónimos